



Gaiato

4 DE JUNHO DE 1966
ANO XXIII — N.º 580 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR, PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Cantinho dos Rapazes

Uns dias antes preveniu que vinha; que precisava de falar. E aproveitando um recado a Penafiel, veio.

Quase sempre estes rapazes já casados, a fazer a sua vida fora, quando precisam de falar, é que têm problemas. E vêm por auxílio material. Algumas vezes por um conselho. Este, sempre o conheci rapaz de muita linha, a dar certo com o apelido que teve entre nós: o «Linhas».

V veio. Conversámos uma boa meia tarde. Eu tinha tanto que fazer!... E fiz na mesma, depois daquela meia tarde tão saborosa, tão tónica ela me foi!

Em Penafiel procurara o diploma escolar, necessário à carta de condução a que se anda habilitando: «Não é que pense comprar já... mas uma furgoneta dá um outro arrumo à minha vida e possibilidades ao meu negócio. Logo que possa... E fico já preparado com a carta».

Este moço, ora de 27 anos, saiu do nosso Lar de S. João da Madeira para interno numa mercearia há mais de 12 anos. Sofreu o seu bocado. Saiu. Segundo emprego. Tornou a sofrer. Voltou por convite do patrão ao primeiro emprego. A razão que o levou a deixá-lo segunda vez foi já do meu conhecimento e um pouco, também, com a minha responsabilidade.

Aqueles anos de trabalho duro e de exploração abriram-lhe os olhos para a vida, mas, graças a Deus, não o endureceram. Honesto, conhecedor do ramo, teve a boa sorte, a merecida sorte de encontrar quem o ajudasse a estabelecer-se, o que fez com o importante (!) capital de nove contos.

Trabalhou muito e sacrificou-se para depressa os pagar. Casou, entretanto. Como é lógico e justo, soube escolher e acertou: Tem uma mulher que o ajuda. Então, meteu-se na prática a vender mudezas e comprou modesta motorizada. Enquanto anda a por lá, ficava a mulher no estabelecimento.

Surgiu-lhe outra loja com mais largueza; a casa do andar cimeiro, também. Mudou. A freguesia foi crescendo. O seu crédito é firme: «Já lá vai o tempo em que não era assim... Agora pago a 30 dias e podia pagar a pronto, se fosse preciso, graças a Deus».

A motorizada já não lhe dá asas para o progresso que se sente capaz de imprimir ao negócio da praça. «Vou à 2.ª e 3.ª»

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



AQUI ESTÁ, JÁ PRONTO, O DEPÓSITO DE AGUA DA NOSSA CASA DE MALANJE — ENVOLVIDO NA FOLHAGEM DO ARVOREDO.

Património dos Pobres

Há frouxidão no movimento, mas não há paragem. Os párocos e vicentinos e outras pessoas que vibraram, lançaram-se à acção e vimos em pouco tempo milhares de famílias tiradas à toa; ao curral, ao casebre, à choupana, à barraca. Hoje sentem-se felizes e responsáveis.

Não estão resolvidos todos os casos de aflição, mas o Património dos Pobres não é para todos. O Património nasceu em Pai Américo

para resolver alguns casos de aldeias e vilas, onde é mais fácil a cada paróquia cuidar dos seus Pobres e onde estes geralmente são mais acessíveis e menos deformados.

Em grandes meios populacionais o Património pouco dá. Pode dar-se casa, mas falta depois a convivência e a formação e os Pobres continuam facilmente a levar a vida que levavam. Só a casa não resolve.

Há paróquias onde o Património dos Pobres ainda não entrou. Falta

alguém com alma que o abraçasse; não acreditamos que não haja numa paróquia um caso que não pudesse ser solucionado por este fogo. Em outras está ainda a entrar e já queima todos os que se aproximam. Outras ainda resolveram os seus problemas mais urgentes e hoje dedicam-se de outros modos: Auto-Construção, ajudas por pequenos auxílios. Outras há que começaram e têm continuado com a bandeira levantada e ainda não conseguiram esgotar a Caridade, pois esta não pode esgotar-se, visto ser a participação da vida de Deus.

Quando esta notícia for vista por teus olhos já cinco Famílias pobres da vila de Pomal estarão de posse de suas casas. Já há anos que naquela vila anda o fogo a lavrar e agora queimou a sério. Será um bairro gracioso e com urbanização. Estão ali muitas atenções. Esperemos que atendam mais às famílias do que às coisas que dão nas vistas. Conhecemos ali um casebre de meias com o tempo, onde nasceram e viveram crianças, fi-

O «OBRA DA RUA»

Como o ciclo de Festas terminou — e já que a Tipografia «sofreu» um nadita com as suas andanças — estamos a arrumar a casa.

Agora, sim, o «Obra da Rua» segue de vento em popa. Abílio aprontou mais quinhentos e tem em mãos, para colagem de capas, um ror deles.

Pinóquio tornou a ser destacado prá expedição. É um rapaz franzino, mas d'olhos vivos e ligeiro. Apreço seguir o seu trabalho — discretamente. É que não falta um pormenor! Eis um caso: muitos assinantes desejam vários exemplares de cada obra dos nossos prelos; e a chamada é inserta nos rótulos. Ora ele — para evitar lapsos — prefere, e muito bem, dar uma vista d'olhos pelos rótulos, antes da colagem; é que, depois... seria perigoso.

A Encadernação está inteiramente devotada à con-

clusão do «Obra da Rua»: Cerqueira aparou já parte da última série a expedir e Pinóquio recebeu mais um ajudante — o Bucha. «Tu és o meu secretário», diz em ar de piada. E Bucha já sabe em que águas navega — «olha que esta remessa tem de seguir hoje, pró correio!», berra Pinóquio, com voz firme... Bucha ficou surpreendido. Até perguntou as horas! E daí até ao fim do dia recrutaram-se mais ajudantes — e foi um voar. Laurindo — ex-«Caixa d'óculos» — parece-me que abriu os olhos pró trabalho metucioso de seus irmãos mais novos...

Manuel Pinto virou-se ao correio da Editorial e, uma

vez mais, ficou em dia e em ordem. Teve a delicadeza, inclusivé, de pôr na minha secretária algumas das cartas mais espumantes. Fico muito contente, com estas coisas do nosso dia a dia; parecem pequeninas, insignificantes — no fundo, porém, têm um valor extraordinário. Quem me dera que Laurindo vá reparando no trabalho devotado de seus companheiros...

Agora, vamos mas é dar a palavra a uma leitora de Lisboa. Ora ouçam:

«Peço muita desculpa de só hoje vir pagar o livro «Obra da Rua» que tiveram a boa lembrança de me enviar. Confesso que esteve este tempo todo em cima

duma mesa, sem eu me dispor a ler. Há dias comecei a folheá-lo e empolgou-me de tal maneira que tenho-o lido à noite, ao deitar, como se fosse a Bíblia. Querido e saudoso P.e Américo! Ouvi-o falar três vezes e de todas elas minhas lágrimas correram do princípio ao fim. Duma vez, na igreja de Fátima, deixei-me ficar em várias missas só para o ouvir».

E para terminar, não posso deixar de dar à estampa mais um veemente apelo de Manuel Pinto, secundado por Laurindo. São as senhoras que fazem remessa de dinheiro ou vales para li-

Cont. na QUARTA página

Continua na TERCEIRA página

«Quería ter a palavra certa para o momento certo! E penso que a encontrei na fala de Fulton Sheen.

«Como deve ser difícil amar as coisas imperfeitas».

E à medida que o tempo passa, vou tendo mais a certeza dessa verdade, uma certeza que se assegura de mim, quando agora mais conscienciosamente, eu olho para o passado, onde vi castelos quase construídos com tanto amor e dedicação, e depois ruírem.

E eu penso que não foi e não tem sido por falta de amor, mas sim por esse mesmo amor em demasia que nos cega, e por isso, muitas vezes, não nos deixa ver com realidade onde e como construímos.

Eu estou falando assim, porque penso que alguma coisa esperavam de mim e, na hora necessária, os deixei para seguir aquilo que pensava ser o melhor.

Aquele melhor, que eu imaginava ser uma continuidade das facilidades com que se vive nas nossas Casas, somadas à condição de jovem que viveria do seu ordenado e que logicamente seria

Correspondência Familiar

independente e com aquela tão ambicionada LIBERDADE!

Mas agora descobri que essa liberdade só existe na medida em que sabemos usar dela, senão passa a ser «vida sem rumo e sem ideais».

E quanto às outras condições, não fora a esperança de dias melhores, jularia como os outros nossos:

— Ancioso por voltar!

Tantos sonhos! E por fim... nada como sonhara.

E isto também por aquele amor cegante às coisas fáceis, que não me deixou ver a realidade que eu ia enfrentar.

«Como deve ser difícil amar as coisas imperfeitas!»

Por isso eu ainda não me convenci que um coração de pai

possa amar «estes» com o mesmo amor com que ama os «outros».

Talvez um pouco por causa disso o meu silêncio.

Mas no meio dele, eu me lembro de todos vós; e no Natal e no dia do Santíssimo Nome de Jesus, estive com vocês também, apesar da minha ausência.

Acredito que muitas novas queira.

E eu ando com remorsos por não dar sinal de vida, sabendo que um coração de pai ainda pulsa por mim.

Talvez eu me sinta mais «leve» depois de escrever esta carta.

Na vida particular, consegui fazer algo de bom com a ajuda de Deus; e obedecendo a uma lei que é básica nas nossas Casas — Ama o próximo como a ti mesmo.

Durante o ano lectivo passado, preparei uma turma de vinte e cinco analfabetos, no nosso Centro Paroquial, que chegaram ao fim com resultados animadores.

A maioria eram criadas de servir que, à noite, vinham à aula, depois de um dia de trabalho.

A elas alimentava-as o desejo de aprender a ler; a mim um segredo — fazer por elas o que gostaria de fazer por minha mãe. E era isto que me dava alento.

Mando uma foto da nossa «República», e também uma foto de alguns jovens do nosso movimento, durante uma das nossas escaladas, onde a primeira coisa que fizemos foi improvisar um altar sobre as mochilas, onde Padre Lopes celebrou missa.

Padre Lopes é um autêntico revolucionário dentro da nossa juventude.

É ele que está fazendo uma revolução de ideias entre nós, mediante palestras e seminários de estado, mas obedecendo a uma estrutura social cristã e humana.

Nosso movimento juvenil é um prolongamento da nossa missa do estudante, orientada pelo Padre Lopes.

Tivemos agora no nosso movimento eleições para o novo «Diretório».

Foram mais democráticas que as últimas realizadas no Brasil. E com orgulho que digo isto.

Houve a apresentação dos planos das três «chapas» e a respectiva propaganda nos meios estudantis.

A nossa ganhou e como prova aí vai o primeiro «jornal» que sai sob minha direcção.

Nestes momentos lamento não ter sido tipógrafo; agora era mais fácil.

Apesar de levar uma vida dentro do possível sadia, e aparentemente sem problemas de ordem material, eu os tenho e muitos.

Lamento que pense que levamos uma vida fácil, despreocupada e... nadando em dinheiro!!!

Mera ilusão de quem converte os nossos cruzeiros em escudos, sem pensar contudo no encarecimento de vida que aqui se verifica dia a dia.

...Mas vai-se vivendo».

Tem continuado a chegar roupa para os gémeos!

Algumas encomendas directamente, outras por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Por isso, a senhora de Lisboa que escreveu ao Júlio Mendes, procurando saber se a encomenda foi entregue, esteja descansada que tudo veio ter às nossas mãos. Mais uma vez agradeço o carinho com que atendem os meus apelos a favor dos nossos irmãos em Cristo. Agora digam-me? Não se sentem mais felizes com este gesto de amor? A este propósito: veio-me à ideia, as palavras que ouvi a um Pai, no dia do casamento do filho: «Filho, nunca te esqueças dos Pobres se queres ser feliz».

Se Deus dá mais fortuna a uns, não é para a desbaratar, em prejuízo do mesmo; mas sim para ser o distribuidor do que lhe sobra, e por vezes do que lhe faz falta, em benefício



do próximo. Este Pai, podia ser imensamente rico, mas vive o mais modestamente possível, para assim poder dar mais aos Pobres. E diz, todo satisfeito: «Quanto mais dou mais recebo». Por isso é imensamente rico porque o seu tesouro está junto de Deus.

.....

Continuação das nossas encomendas: Souzel 4 pijamas para homem. Figueiró dos Vinhos, 2 naperões de cozinha, 6 pegas pequenas, 4 grandes e 6 sacas de guardanapos. Póvoa de Varzim, 4 chales grandes. Lourenço Marques, 2 colchas em lã e algodão e 2 tapetes. Lisbon, 2 colchas. Espinho, 2

pares de sóquetes. Foz do Douro, 1 chale, e uma capa. Porto, 1 capa, 2 sacas de guardanapos e 2 pegas. Ministério da Marinha, 1 chale. Estoril, 1 chale. Oeiras, 1 pijama. Para o Liceu D. Filipa de Leucastre em Lisboa, 14 chales para distribuir por outros tantos Bebés no dia da Mãe. Alcobaca, 2 chales e 2 camisolas. Novamente Lisboa, 3 camisolas, 2 tapetes e 6 pegas. Macedo do Peso, 1 camisola. Penha do Castelo, 2 chales. Donativos recebidos: De uma senhora muito nossa amiga de Lisboa, 70\$00 para as amendoas das Aprendizias. 20\$00 vindos da Casa do Gaiato do Tojal: do Lar do Gaiato de Lisboa, roupas para os gémeos; do senhor Major do silêncio, os 10\$00 para o novelo de lã. 50\$00 da Avó de Moscavide, e os 100\$ mensais da Sra. Bem Haja de Lisboa. Por tudo seja Deus Louvado.

Maria Augusta

Setúbal

Os vicentinos da cidade vieram junto de nós fazer o seu dia vicentino anual. É um dia de reflexão, de oração e reanimação em conjunto.

Desde há muitos anos que escolhem a Casa do Gaiato para este encontro. A presença do espírito de Pai Américo convida-os e enclausura-os no seu ideal de amor aos Pobres.

Eles pediram-me para lhes falar. E eu falei. Com tanto gosto! Eu gosto tanto dos vicentinos! Falei-lhes do amor pelo Pobre que é tão actual como o Evangelho. Tão actual como o Concílio. Um dos sinais mais evidentes da presença de Cristo no mundo é a evangelização dos Pobres. Evangelização feita de entrega, como a fazem os vicentinos, feita de acções concretas, feita de comunhão na miséria e na desgraça, feita de amor.

Tenho ouvido falar que os vicentinos estão desactualizados. Não sei bem em quê. Aparte a manifestação de algo da sua espiritualidade que me parece um pouco antiquada, o apostolado vicentino está na base de todos os movimentos apostólicos da Igreja. E dos mais eficazes. E dos mais convenientes. E dos mais reais. Dos menos susceptíveis de receber a mistura da vaidade humana. O Papa tem sido um grande vicentino.

Às vezes parece-nos quase ouvir comentar por gente respon-

sável a ultrapassagem do apostolado vicentino. Doe-me este comentário. Apece-me agarrar-lhes pelo braço e levá-los lá, onde vão os vicentinos, a esses ambientes infestados de dejectos humanos, de promiscuidade e de degradação.

Os vicentinos são os melhores amigos da Casa do Gaiato. Quem, outro dia, nos mandou uma carta cheia de amor e de aflição pelos abandonados, com um cheque e uma letra no valor de cinquenta contos? Quem? — Um vicentino.

Quem nos tem ajudado mais nas nossas obras, em materiais, dinheiro e estímulo? Os vicentinos.

Quem nos vem remendar a roupa, todas as segundas feiras? Um grupo de vicentinas.

Dizem às vezes, os antiquados e ignorantes que os vicentinos nada fazem. É pecha dos grupinhos a capela, a crítica dos movimentos eficazes da Igreja.

Na nossa, os vicentinos estão como na sua casa.

Os rapazes receberam-nos com todo o aprumo, amabilidade e cortezia. Fizeram-lhes e serviram o pequeno almoço e o almoço.

Os vicentinos partiram mais cheios, mais convencidos da actualidade da sua acção com mais humildade mas com muito mais coragem. Eu prometi-lhes todo o meu apoio de padre.

Padre Acilio



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

feira dar a volta, a saber o que os clientes querem. E nos outros dias vou levar, aos bocadinhos, que a bicicleta não dá para transportar muita mercadoria de uma vez. Se tivesse a furgoneta já levaria alguma mercadoria, da que sei que tem mais procura; e alguns clientes ficariam logo servidos na primeira visita; e eu podia alargar mais o meu giro».

Por isso ele veio a Penafiel e se anda preparando para tirar a carta. Mas, «não é que pense comprar já...».

Ao ouvi-lo, estava-me lembrando de Pai Américo e da sua profecia sobre a Obra: «Nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes»!

É tão raro que uma visita destas me traga assim um perfume de bom-senso, de segurança, de certezas na vida, tudo recheado de humildade, de modéstia, de simplicidade! É tão raro! Tanto, que eu ouvi-o, consolado, aquela boa meia tarde e esqueci-me do muito que tinha que fazer — e acabei por o fazer na mesma!

Afinal, o que ele tinha para me falar era isto: dar-me conta de como Deus tem abençoado a sua vida e de como pensa ir voando mais alto quando julgar chegado o momento propício, momento que prepara

longamente, que espera pacientemente. E tem subido sempre; e há-de continuar a progredir.

Assim, tão diametralmente diversa esta, de entrevistas semelhantes — como não havia eu de me sentir tonificado após ela? Como não recuperaria com lucro aquela boa meia tarde dispendida!

Prestes a partir, falou-me de «O Gaiato»: «Sempre o tenho recebido e nunca dei nada em troca. Agora posso e sinto que devo dar uma compensação por todos estes anos».

E sacou da algibeira cinco notas de cem e pôs-mas na mão.

Aceitei-as. É justo que, podendo, agora, ele compense a Obra que lhe deu algo do que é e continua a manter-lhe viva a chama, quinzenalmente, pelo seu famoso. É justo. Injusto é que tão raros o façam! Por isso aceitei o pequeno maço das notas.

E, lembrando-me da furgoneta que há-de vir, quando chegar a oportunidade, respondi à oportunidade que das mãos dele acabava de receber, consolei-me ainda mais, abrindo o mealheiro para a furgoneta com aquelas mesmas cinco notas.

Esta é a beleza do bom-senso! Feliz o que o descobre! Fértil o que o cultiva! Que também com os pés no chão se fazem poemas; não só com «a cabeça na lua»!

Ora façam o favor de atender a esta carta:

«Peço muita desculpa de mais uma vez vir importunar V. Rev.ª mas a piedade assim me obriga. A pessoa por quem muito nos interessamos conforme é do conhecimento de V. R.ª, tem 3 filhinhos sem pai. A mãe tem sido muito boa e carinhosa para eles mas isso não é o bastante.

Pelas 4 horas da manhã ela é obrigada a deixá-los para fazer a sua distribuição de pão pelas portas. Por esta razão, estava disposta ao sacrifício de os perder, antes do que a maior parte das vezes vir encontrá-los na rua a serem maltratados por outros.

Que fazer a uma situação destas?

Para lhes matar a fome tem de os abandonar, e para os amparar, porque são de 4 a 6 anos, não pode angariar o seu alimento. A mãe das crianças preocupa-se bastante por não poder resolver este problema e, além disso, o receio pela sua saúde que por vezes a obriga a ficar em casa por não poder, o que a atormenta bastante.

Espero que possa fazer alguma coisa por estes rapazinheiros».

O problema posto nesta carta com a simples crueza de quem no conhece de vista e de coração — é um problema de todos os dias. É o caso da mãe viúva ou solteira, mas honesta; mesmo o da casada cujo marido invalidou.

«Para lhes matar a fome tem de os abandonar; para os amparar, não pode angariar o seu alimento... Por que lado sair deste dilema? Matar-lhes a fome... será expô-los a muitas outras mortes — perigo que ronda a alma de crianças que vivem abandonadas. Para os não abandonar... teria de expô-los à fome. Que há-de escolher um coração de mãe? Como aquela verdadeira, da sábia sentença de Salomão, ela preferirá o filho íntegro, são e salvo, ainda que seja preciso ficar sem ele, entregá-lo a outrem.

«A mãe tem sido muito boa e carinhosa para eles, mas isso não é o bastante» — diz a nossa correspondente. Pois não. Que, se nem só de pão vive o homem, sem ele é que não vive mesmo! «Por esta razão, ela estava disposta ao sacrifício de os perder, antes do que, a maior parte das vezes, vir encontrá-los na rua a ser maltratados por outros». A rua maltratá-los-á sempre, nem que seja só na alma! E que cicatrizes não deixa tanta vez!

Para responder a angústia semelhante no coração de tantas mães: para resolver este problema em boa economia de meios, em boa economia de resultados — deveria a sociedade estar provida de recursos que respeitassem sempre a integridade da família, onde ela, graças a Deus, é ainda uma realidade. «A mãe tem sido muito boa e carinhosa para eles...» «Ela está disposta ao sacrifício de os perder...», não venham eles a ser uns perdidos pelos maus-tratos da rua!

Neste caso, como em muitos, graças a Deus, há uma mãe no seu lugar, a garantir uma família sã.

NOTA da quinzena

Nem que fosse pois, maior o gasto material, seria sempre de preferir uma solução conforme à integridade da Família. Primeiro que tudo o bom rendimento social das soluções dos problemas sociais. Mas creio que as instituições que irão receber os filhos destas mães saem mais dispendiosas. E se fossem tantas quantas as precisas para remediar todos os casos, custariam imensamente mais.

Creio que deve ter sido esta a perspectiva do legislador, quando criou no pelouro da Assistência um Instituto para a Defesa da Família. Os sectores assistenciais de internato em instituições adequadas (onde a regra de vida mais autêntica, mais viva, será procurar seguir a par, quanto possível, a estrutura familiar) seria reservado àquelas crianças cuja família é realmente incapaz de as formar, por incapacidade física ou moral. Não sem que, neste último caso, os órgãos Judiciais vivendo, não em compartimentos estanques, mas em colaboração inteligente, íntima, com os órgãos assistenciais, — deixassem de chamar a contas: a mãe que não está no seu lugar; o pai incógnito, que a Autoridade procuraria diligentemente conhecer; o pai demitido do seu dever paterno por abandono do lar ou vida culpavelmente ociosa e viciosa.

«Mas sem recursos que o justifiquem, para que serve um tal Instituto de Defesa, incapaz de defender?! É mais um peso a sustentar: o de uma estrutura burocrática desproporcionada à sua eficácia.

Se a mãe que nos ocupa, é como a descreve o signatário da carta, ela é um valor nacional. São dois rapazinheiros e uma menina que, amparados pela mãe, naturalmente lhe sairiam, não degenerando. Se ela é boa e carinhosa: se é capaz de um sacrifício inteligente que compromete o seu coração de mãe em favor do futuro dos filhos — estes três seriam amanhã cidadãos.

dãos prestimosos, talvez, um dia, pais de tantos outros, e tão qualificados como a sua mãe.

Mas na verdade, na crua realidade das nossas carências — o dilema persiste: Junto dela, ou fome ou abandono.

E somos capazes de acabar por cair (não sem certo sentimento de cumplicidade) na mais cara, na menos eficaz, na mais anti-natural das soluções: aceitarmos o sacrifício daquela mãe aceitando-lhe os filhos — o que, em linguagem purificada de eufemismos, se chama: roubar-lhos.

Calvário

O problema do homem incurável abandonado e a indiferença pública para com ele faz-me pensar vezes sem conta na palavra que a Igreja tem, e só ela tem, para a solução dos problemas humanos.

Neste caso do doente sem cura, a mais ninguém importa pedir estruturas sociais adequadas, pois a sociologia que impera normalmente é ditada pela incompreensão do valor real e transcendente do sofrimento humano. Para esta é obstáculo que importa remover, nem que seja pela mentira: Ao enfermo nega-se a verdade, quando ela é dura — quando os dados humanos são impotentes, perante o mal implacável.

mesmos doentes o atestam em seus gestos e palavras. É desta certeza que colhemos força para prosseguir.

Os que podem andar por si, estão à mesa. E hoje acompanhados de mais alguns que deixaram os leitos e foram trazidos ao colo e em carros. O dia chama ao convívio. A sala de jantar está repleta. A refeição preparada com mais esmero fala da festa. É dia de Páscoa. Estou entre eles. Olho-os um a um. E vejo seres enfermos, sem lar, nem amigos, nem casa, que não seja esta, sem mesa que não seja a que têm diante, nem outro jantar além do que vamos saborear. Rostos alegres. Quem en-

trasse, diria que se tratava de Família numerosa em dia grande, se não fora a desse-melhança física bem presente. Respira-se ar sadio e franco. O fundamento exacto desta alegria íntima não se descortina bem. Eu mesmo não vejo com clareza onde a razão do brado da Ti Justina: «Nem no dia do meu casamento estive tão contente!» Ora ele costuma ser o maior dia da vida, o dia do casamento. Mas para a Ti Justina este é superior. Nem vejo a razão séria da alegria da Dulce que segreda a medo — a medo de ferir os seus: «Estou aqui mais feliz que entre os meus de sangue». O Bernardo sem pernas para se mover sei que está bem alegre. As gargalhadas estrondosas, brotam bem de dentro.

Em Angola era tropeço pelas ruas, não conhecendo lar. Aqui não se considera tal.

Somos resposta da Igreja, de facto.

Para além do clarão que a Si lhes rasga em meio do seu sofrer, há aqui um valor palpável que lhes incute paz. É a família. O homem que não tem lar é um ser incompleto. E eles viviam sem lar ou em lares que não o eram. E na família nova descobrem o Amor que os ehamou ao convívio em que vivem, e que por sua voz comunicam e de cuja troca resulta o bem estar que disputam. A fé diz-nos que somos irmãos.

Estes arriscam-se a viver como tais. São felizes. Feliz Igreja.

Padre Baptista

Continuação da primeira página

PATRIMÓNIO DOS POBRES

lhas de homens (!) que o frequentavam. Todas as vezes que por ali passávamos nos enojava o casebre e quem abusava dele.

Ponte do Sor tem dado muitas voltas e tem encontrado dificuldades na burocracia local. Há homens que continuam agarrados aos códigos despidos de espírito, sem o sentido cristão de servir. Estas dificuldades são sempre a marca das coisas altas. Coragem, vicentinos de Ponte do Sor. Os discípulos não são mais que o Mestre.

Abrantes vai continuar. Começou há muito e andou bem.

Depois parou e estruturou. Agora há mais irmãos aflitos e há outros de mãos dadas para lhes acudir. Assim é cristianismo autêntico. Só palavras, não.

Agora partilha comigo de mais esta alegria que me deram na Igreja de Santa Cruz de Coimbra. Foi uma Senhora que vai amontoando no Céu: «Tenho andado aos pouquinho e já arranjei para mais

uma casa. Esta agora é por alma de meu Irmão. Não me importa onde vai ser feita. Pode ser na Conchinchina. O que importa é que vá abrigar uma família irmã. Todo o mundo é Reino de Deus».

Eis doutrina do Evangelho. O Reino de Deus é o mundo todo. Os homens do mundo são todos irmãos.

Padre Horácio

Está em expedição o livro

"OBRA DA RUA"

Se não é assinante da nossa Editorial, e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.



PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

* Caros leitores: desde já os meus saudosos abraços e cumprimentos desta comunidade de Benguela.

Como já sabeis, é pela primeira vez que colaboro convosco neste «Famoso», e é com todo o meu inteiro agrado e disposição.

Notícias quanto ao nosso bem precioso, já se sabe que cá na terra sem vós não somos nada: por isso precisamos da vossa colaboração. Nós somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Por isso é nossa, e precisamos de auxílio. Sabeis que estamos nos seus retoques finais mais ou menos. A beleza dessa esplêndida Obra coloca-se nos vossos olhos dia a dia.

Eu sei que é difícil virem cá visitar-nos. A estrada é má, mas, como nós não podemos, pedimos auxílio à Junta Autónoma das Estradas que nos auxilie neste bem que é nosso e vosso.

Temos uma parte das oficinas quase pronta que é a carpintaria. As máquinas já funcionam: oxalá que colaborem.

* **FESTAS** — Para abrilhantar as nossas Festas, necessitávamos de uma viola-baixo. É o instrumento que falta para, se Deus quiser, obtermos êxito nas nossas Festas.

Ajudai-nos, povo de Benguela, Lobito, Catumbela e todos os que nos amais.

* Por hoje termino esta crónica de Benguela e que caia dentro de vós com o maior interesse.

Adeus, um abraço amigo da comunidade de Benguela.

Oswaldo Manuel dos Santos

TOJAL

* **ELEIÇÕES** — Mais um rapaz nosso principiou numa nova fase de vida: o serviço militar.

O Manuel «Carpinteiro» que chamado para servir a Pátria deixou de ser o nosso Chefe maior. Como não podia deixar de ser, tivemos de recorrer a eleição para se eleger um novo chefe, e é dos resultados que nós vos queremos informar.

Como é habitual nesta Casa, são eleitores todos aqueles que tenham 14 anos e o exame do 2.º grau: os elegíveis têm que ter para cima de 16 anos. Os resultados foram os seguintes:



Chico Zé — Chefe Maioral

A — CHEFE (ao 1.º escrutínio)

1 — Chico Zé	13 votos
2 — Licas	6 »
3 — Mário	1 »
4 — Presidente	1 »



Licas — Sub-Chefe

B — SUB-CHEFE (ao 2.º escrutínio)

1 — Licas	17 votos
2 — Mário	3 »
3 — Chico Zé	1 »

Fazemos votos para que eles guiem os rapazes para o bem, mostrando-lhes o caminho da verdadeira felicidade.

* **SELOS USADOS** — Graças a Deus que ainda mais leitores se entusiasmaram por esta Campanha.

Eis algumas pessoas que ultimamente nos enviaram selos: D. Laura Guimarães — Monte Estoril; D. Maria do Patrocínio Coimbra — Porto; F. Lucena — Porto; Piedade Vieira Salvador — Fazendas de Samora Correia; José Manuel G. Meneses — Lisboa; Dr. António A. T. Oliveira Rebordado — Lisboa.

A todos os nossos agradecimentos.

* **TRABALHO** — Não queremos deixar de vos fazer lembrar que a nossa oficina de Tipografia está pronta a receber as vossas encomendas de serviços tipográficos. Cá ficamos a aguardar as vossas ordens.

* **FESTAS** — Neste ano, felizmente, correram óptimamente as nossas Festas e na opinião dos que a elas assistiram, melhoraram consideravelmente na disciplina em relação ao ano anterior.

Em Lisboa lamentamos que muita gente tenha ficado sem bilhete e lembramos a essas pessoas que para o ano sejam mais cuidadosas e que se não guardem para o último dia.

Mário

Visado pela
Comissão de Censura

BELÉM

* **ASCENÇÃO** — No dia 19 de Maio fez anos que Jesus subiu ao Céu. Então a nossa Mãe, no dia anterior, disse-nos que havíamos de ir à Missa e aproveitámos para nos confessar, para no Domingo, dia 22, se quisermos ganhar o Jubileu do Concílio. Então, no dia da Ascensão, logo de manhã, não esperávamos pela surpresa. Um Irmão das Missões Combianas, veio buscar-nos de carrinha, e fomos à Capela das Missões. Chegámos lá, também chega o Senhor Bispo. Os seminaristas começaram a dar muitas palmas. Nós entramos para a Capela e fomos-nos confessar. Passado algum tempo, vem o Senhor Bispo celebrar a Santa Missa. Foram ordenados Sacerdotes três seminaristas. Nós gostámos muito de ver, pois nunca tínhamos visto.

Foi uma festa muito linda e lá vimos, nos altares, as rosas da nossa quinta. No fim da Santa Missa, cantaram cânticos em louvor dos Sacerdotes e, beijaram-lhes as mãos, pois estavam consagradas ao serviço de Deus.

Todas nós gostámos muito.

Fátima

* **AS SEMEITEIRAS** — Na nossa quinta já semeamos batatas, milho, feijão, abóboras, etc.

Semeamos milho híbrido e feijão de várias qualidades. Para semearmos o milho e o feijão primeiro raspámos as ervas, depois lavrou-se, adubou-se e no fim semeámos o milho e o feijão.

Andei eu, a Fátima e a Edite, com três homens dos que cá vêm trabalhar.

Eles faziam os regos e nós deitávamos o milho e o feijão. Num rego punhamos três bocados de terreno. Já rebentaram da terra e agora vê-se tudo verde. O milho, para nós, tem uma boa utilidade, porque dele, a nossa Mãe manda moer carolos de que nós gostamos muito.

Deus queira que o feijão e o milho produzam muito.

Fernando

SETÚBAL

* **TRIBUNAL** — Crisanto entrega ao Freixedas (chefe maior), um boné cheio de figos verdes. Atrás dele vêm os réus. «Xiquinho» de 5 anos, «Dominguito», «Zé» e «Tó Zé», todos com a idade do primeiro. Eu estava a pintar as janelas do refeitório, e comentei o caso com cura de zangado, doente dos meus irmãos, mas cá dentro estava contente... Eles ouvirão do Freixedas o sabor dos figos verdes, e haverá oportunidade para corrigir estes amores da nossa Casa.

Ernesto Pinto

O «Obra da Rua»

Cont. da Primeira página

vros recebidos por pais, ou maridos ou filhos — sem indicarem os nomes deles. E ainda doutros senhores que admiravelmente se escondem no anonimato. Porém, isso causa um problema difícil de resolver, dado que a «mussa» não pode ser registada na ficha da Editorial. É o caso, por exemplo, deste Amigo de Rio Tinto:

«Junto envio os 100\$00 do costume e mais 100\$00 para os livros que valem muito mais. São formidáveis; muito importantes; estou admirado. O que desconhecemos! Agradeço - vos muito. Um assinante».

Carta admirável. Porém, se os nomes jamais contaram pró Famoso, tenha paciência, diga-nos o seu nome pró Laurindo ou o Manuel porem a escrita em dia — apesar de sermos uma desorganização organizada...

E pronto. Quem tiver interesse em saborear o «Obra da Rua» basta pegar num postal e dar nota. Terão, assim, oportunidade de conhecer melhor a nossa Obra e a pena inigualável do nosso querido Pai Américo.

Júlio Mendes

Aqui, LISBOA

A propósito ainda das Festas desejaríamos deixar aqui arquivado um desabafo, para conhecimento dos nossos Amigos, mórmente daqueles que viram actuar os Rapazes, de Norte a Sul do País. É que, pretendendo nós, numa visão de pura Caridade, sem encargos para ninguém, em dia e hora a combinar, dar um espectáculo para as centenas de pessoas de certo estabelecimento prisional, apesar dos esforços feitos, não foi possível remover os obstáculos postos, aliás de mera *lana caprina*, em nome da ordem e da disciplina... Visitar os encarcerados para os consolar na fé, mera obra de misericórdia, ensina o Catecismo. Tudo o que se faça nesse sentido, se assente em bases humanas e morais sólidas, nunca será demasiado. Infelizmente há quem assim não entenda e às vezes ocupando posições de responsabilidade, onde os sentimentos cristãos deveriam estar presentes. Duvidamos que os espectáculos às vezes fornecidos em certas épocas do ano e por artistas de cartaz, levem aos presos a Mensagem que estaria ao alcance dos nossos Rapazes. Haverá ou não razão para o nosso desabafo?

NOUTRO lugar de «O Gaiato» deve vir notícia mais detalhada sobre as eleições efectuadas já em Casa. A liberdade como decorreu o acto eleitoral, a exposição da votação com a indicação do Chefe Maioral ao primeiro escrutínio, foram motivos de satisfação cujo eco ainda não se apagou. Temos esperanças nos esculhidos e é bom exprimi-las publicamente, na medida em que isso possa incentivar e responsabilizar os eleitos e levá-los, dentro das suas posses e idade, ao reconhecimento dos próprios valores, ao serviço dos outros Irmãos e de si mesmos, num processo de educação activa, em que o elemento a educar tem papel preponderante na sua própria formação. Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, eis a nossa divisa.

ENQUANTO se realizam os acabamentos das escolas e os esgotos gerais da nova Aldeia tomam formas definitivas, vai-se acumulando o material indispensável para a construção das novas pocilgas. Entretanto, tendo já em nosso poder o projecto dos aviários que hão-de

substituir os actuais, processa-se nos «gabinetes» o estudo das futuras oficinas. Isto tudo, Amigos, sem auxílios especiais e vendo sempre o fundo do cofre! «Custe o que custar», como dissemos no Monumental, Deus há-de permitir que sejamos instrumentos dóceis para vencer as dificuldades na caminhada de dotar esta Casa do Gaiato dos elementos materiais indispensáveis para a concretização do pensamento de Pai Américo. A Fé remove montanhas.

PESSOA Amiga toma a dianteira e senta-se nas carteiras da nova escola com uma nota de mil. Quem quer ocupar o lugar? Há assentos para mais 59!

FINALMENTE, queremos dizer-vos que pedimos a quem de direito um exemplar do «Projecto do Código Civil», para apreciarmos, tanto quanto estiver ao nosso alcance, a matéria que também a nós dá respeito: o Direito da Família e suas implicações práticas.

Padre Luis

